
Relatos sobre um jornal apedrejado: o fechamento do *Última Hora* em Curitiba no ano de 1964¹

Paula Bulka DURÃES²
Francisco Camolezi MELO³
Murilo Lemos BERNARDON⁴
Pietra Dissenha HARA⁵
Thiago Fedacz ANASTACIO⁶
José Carlos FERNANDES⁷
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

O *Última Hora* (UH) foi um importante periódico criado em 1951, por Samuel Wainer, e de circulação nacional. Inicialmente aliado aos interesses getulistas, reúne grandes nomes como o cronista Nelson Rodrigues, que ali publicou a coluna “A vida como ela é”. A sucursal curitibana do UH se torna um marco na historiografia local, pela diagramação e linguagem inovadora e ampla circulação na capital paranaense. Sua produção é interrompida em 1964, posteriormente a um atentado conduzido por estudantes secundaristas. A análise bibliográfica e entrevistas em profundidade com importantes jornalistas da época dão luz a esta pesquisa, que revisita periódicos afetados pela ditadura militar.

PALAVRAS-CHAVE: jornal *Última Hora*; imprensa e ditadura militar de 1964; jornalismo paranaense; História da Imprensa.

INTRODUÇÃO

Em maio de 1964, um grupo de aproximados 200 secundaristas da rede particular católica de Curitiba, Paraná, tomou a Rua XV de Novembro – que ainda não era o famoso calçadão para pedestres que se tornou em 1972 –, fez um protesto pelo

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, email, paulabulka@ufpr.br

³ Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, email, camolezi@ufpr.br

⁴ Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, email, murilobernardon@ufpr.br

⁵ Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, email, pietra.hara@ufpr.br

⁶ Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, email, thiagofedacz@ufpr.br

⁷ Doutor em Estudos Literários, professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná, orientador do trabalho: email zeca@ufpr.br

Centro e atirou pedras contra a sucursal do jornal *Última Hora*, o *UH*, situado na então elegante Praça General Osório. O episódio apressou o fim da circulação local de um dos mais importantes periódicos brasileiros, criado em 1951, no Rio de Janeiro, pelo jornalista Samuel Wainer (ABREU, 1996; BAHIA, 2009; BARBOSA, 2007; MARTINS, LUCA, 2008).

O jornal teve em suas fileiras nomes como Nelson Rodrigues, que ali publicou a antológica coluna “A vida como ela é” (CASTRO, 1992; RODRIGUES, 2006), e o cronista e letrista Antonio Maria (SANTOS, 2006). Em meio à queda do presidente João Goulart e a subida dos militares ao poder, houve episódios semelhantes de pilhagens de sucursais do *UH* em outras partes do país, nem todas com a mesma intensidade (GUIMARÃES, 2012; MEDEIROS, 2009).

No Paraná, o evento levou à interrupção da circulação, situação agravada pelo enquadramento militar dos profissionais da redação, em razão dos primeiros atos institucionais instalados a partir de 1964. O episódio é cercado de versões – não raro dissonantes – seis delas foram recolhidas numa fase exploratória da pesquisa (FERNANDES, 2014), por meio de depoimentos orais.

Areladas à memória, os jornalistas atuantes da sucursal curitibana não chegam a um consenso sobre o apedrejamento. Adherbal Fortes de Sá Júnior, um destes jornalistas, se recorda de participar da greve dos jornalistas do Paraná, em 1963. Contrariando a postura de outros periódicos à época, o *Última Hora* apoiou os grevistas. Segundo o relato, o apedrejamento aconteceu no ano seguinte, e foi praticado por cerca de 300 estudantes. Os manifestantes teriam então marchado da Rua XV de Novembro até o edifício Asa, onde ficava localizada a redação (Sá JÚNIOR, 2022).

Luiz Geraldo Mazza (2023) relembra que a maioria dos colegas do jornal foram perseguidos e indiciados por crimes militares, após o golpe militar. Além das pedras, ele se recorda dos estudantes atirarem “fezes” pela janela da redação.

Era uma coisa esperada. Nós éramos ameaçados fisicamente, por mensagem e isto eventualmente iria acontecer. Na hora que criaram as condições para a deflagração do golpe, eu me lembro que estava na Confeitaria Iguazu e presenciei um menino “da esquerda” enfrentar aquela fúria de católicos com um pedaço de madeira e dando porrada em todo mundo (MAZZA, 2023).

O evento supracitado não é exclusivo da sucursal em Curitiba, e foi registrada em outras sedes do *UH* de iguais ou maiores proporções, como em Londrina (PR) e no Rio de Janeiro (RJ). Sá Júnior (2022) afirma, inclusive, ter presenciado os eventos, sendo um dos jornalistas presentes na redação durante o atentado.

Em Curitiba, o *UH*, como era grafado, circulou entre 1959 e 1964, tendo alcançado grande sucesso editorial. As Kombis e DKWs azul-piscina, usadas para a distribuição, integravam-se à paisagem urbana. Há indicativos de que a versão local do *UH* tenha atingido 40 mil exemplares diários, o que na métrica utilizada para impressos representa até 200 mil leitores, numa cidade de aproximados 362 mil habitantes. Era, à época, a maior parcela do público leitor da cidade, um feito em se tratando de um município servido por outros três jornais de forte penetração, como a *Gazeta do Povo*, o *Diário do Paraná* (do grupo Diários Associados) e *O Estado do Paraná*.

UH - UMA HISTÓRIA

Com sede no Rio de Janeiro, a princípio o *UH* se propôs a ser um jornal de apoio ao governo getulista, financiado pelo próprio governo. Ao longo dos anos de circulação nacional, o jornal se tornou referência na imprensa brasileira (PEROSA, 2003; PINHEIRO JÚNIOR, 2011), com uma tiragem notável, diagramação inovadora, reportagens policiais, esportivas — foi o primeiro jornal a publicar, em cores, a foto de um time de futebol na capa, o Fluminense — e de profundidade convidativas e de fácil compreensão para o leitor, ainda que escritas pelos melhores jornalistas do país, a exemplo de Nelson Rodrigues.

Nos seus seis primeiros meses de existência, o jornal atingiu uma tiragem de 60 mil exemplares, que, em menos de um ano, foi duplicada para 120 mil (PEREIRA, 2016; MONTEIRO, 2020). Em São Paulo, no ano de 1953, a tiragem do jornal chegou a 250 mil exemplares diários (MONTEIRO, 2020). No Rio de Janeiro, o jornal se estabeleceu na antiga sede do *Diário Carioca*, de Danton Jobim, responsável por importar para o Brasil técnicas do jornalismo americano, como o *lead*, que também foram adotadas pelo *UH*, fazendo do jornal um dos precursores no uso do copidesque em solo brasileiro. O prédio, que ficava na região da antiga Praça Onze, era assinado por Redig de Campos, arquiteto modernista, que também projetou a mansão de Walter Moreira Salles, na Gávea, onde hoje funciona o Instituto Moreira Salles.

A revolução provocada pelo *Última Hora* na história do jornalismo brasileiro, de acordo com Karla Monteiro, biógrafa de Samuel Wainer, é no “campo da estética” (2020, p. 183). O projeto gráfico era responsabilidade do paraguaio Andrés Guevara, que deu ao *UH* a mesma cor dos olhos de Samuel: azul. Na época, com exceção dos jornais *A Vanguarda*, do Rio, e *A Gazeta*, de São Paulo, o uso da cor na imprensa diária era escasso. O jornal foi construído pelos avanços técnicos de jornalistas e artistas estrangeiros, sobretudo da América Latina, que, com diagramação moderna — a diagramação era um ponto fraco da grande imprensa brasileira até aquele momento —, o uso de cor nas ilustrações e na logo do jornal e o crédito para o trabalho de fotógrafos (MEDEIROS, 2009), por meio da valorização da autoria e da foto dinâmica (CAMPOS, 1993), trouxeram avanços gritantes para o jornalismo brasileiro. O desenhista Augusto Rodrigues, o artista gráfico Andrés Guevara e o cartunista Nássara são alguns dos nomes de destaque dessa revolução editorial e gráfica na imprensa no Brasil.

Guevara desenhou um jornal de dezesseis páginas. Na diagramação, predominava o sentido vertical, com as matérias distribuídas em uma, duas, três e quatro colunas, modificando o padrão tradicional de paginação. Na primeira página, a manchete ocupava todas as oito colunas, com apenas duas palavras. Aliás, títulos de duas palavras iriam se tornar um desafio e tanto para os redatores. Abaixo da manchete, uma grande fotografia, em seis colunas. Cabia ao logotipo, em que o azul se destacava sob as letras vazadas, gritar ao leitor: *Última Hora* (MONTEIRO, 2020, p. 183).

Karla Monteiro também defende que o jornal balança a estrutura enclausurada da imprensa da época ao procurar novas formas de se aproximar do leitor. O *UH* promoveu concursos de beleza, a Rainha da Primavera, sorteio de utensílios domésticos semanais e investiu no colunismo e na reportagem. Em São Paulo, por exemplo, fez história a “Coluna do Meio”, de Celso Curi, que, em meio ao regime militar, destacava a então dissidente cultura homossexual. No Paraná, o jornal também investiu em colunas populares (PEREIRA, 2016), como a “Fala Povo”, focada nas questões da cidade, e a Luzes da Cidade, voltada para a cobertura dos clubes.

Concorrem para a reconstituição da época e da mentalidade do jornal a produção de Elio Gaspari (2014) – em sua magistral série sobre a ditadura – e de Beatriz Kushnir (2012). Acrescente-se obras de cunho popular, a exemplo de *Os carbonários*, de Alfredo Sirkis (2008) – um mergulho no cotidiano dos aparelhos; e *O que é isso*

companheiro?, de Fernando Gabeira (2009), inclusive por ser um trabalho de ruptura com a guerrilha, estabelecendo um contraponto necessário à discussão sobre os anos 1960.

A história do *Última Hora* mostra que Getúlio Vargas pediu a Samuel Wainer que criasse um jornal eficiente para competir, dentro do mercado da opinião pública, com os veículos de oposição a seu governo (WAINER, 2005). Desse conchavo emerge uma postura editorial nacionalista, mas também popular e emancipado dos governos, com foco a cobertura esportiva e policial, de modo a atingir as massas (CAMPOS, 1993). É possível observar esse posicionamento do *Última Hora* a partir da cobertura da Crise dos Mísseis, incidente em que Estados Unidos e União Soviética quase iniciaram uma guerra de fato após a instalação de mísseis nucleares em Cuba, em outubro de 1962.

Em *O Globo* havia notícias que trazem em maior destaque a visão americana do conflito. Em quase todas as edições de *O Globo* daquele período, havia manchetes com falas de John Kennedy; uma imagem de um mapa, na primeira página na edição de 23 de outubro de 1962, mostrando que os mísseis em Cuba poderiam atingir o Brasil — mesmo sem confirmação dessa hipótese. Na cobertura do *Última Hora*, porém, deu-se atenção para as diferentes faces do conflito, de fontes cubanas, soviéticas e americanas, apoiado em uma perspectiva crítica e com um olhar voltado para o papel de mediador do Brasil naquela circunstância.

Apesar de getulista, o jornal não estava necessariamente comprometido com o governo. O jornal defendia o aumento dos impostos para as classes altas, do salário mínimo e a nacionalização do petróleo — debate que acompanhou Samuel Wainer em outros momentos da vida —, mas foi crítico, por exemplo, à nomeação de Danton Coelho, “que ia mais ao Jockey Club do que ao Catete” (MONTEIRO, 2020), ao cargo de ministro do trabalho. No geral, a linha editorial do *UH* era sindicalista e progressista.

Na concepção do *Última Hora* foi de grande importância a busca de Wainer pela inovação, diante dos padrões da imprensa brasileira à época — que ainda dava os primeiros passos em direção à modernização e à profissionalização do jornalismo. No entanto, apesar da capacidade do *Última Hora* de levantar suas pautas nas disputas na opinião pública e de conquista de público, o Brasil, na década de 1960, era um dos pontos internacionais de disputa entre o bloco socialista e o bloco capitalista.

O pânico da “ameaça vermelha”, registrado no documentário *O dia que durou 21 anos* (TAVARES, 2012), cresceu com a Revolução Cubana (1959), e a política industrial de João Goulart, em destaque as reformas de base, se tornou alvo de grupos políticos em solo nacional, financiados pelo governo dos EUA, como o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (Ipes) e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (Ibad).

UM JORNAL PROGRESSISTA NO PARANÁ

No cenário local, Curitiba, desde a década de 1950, crescia economicamente graças ao café, período em que foi fundado o Banco do Estado do Paraná (Banestado), uma fonte de crédito, o que mudou o perfil da cidade — há, até a metade dos anos 1970, uma explosão do cenário musical, devido ao investimento a produtores e o aumento de público, e modificações urbanas nas ruas, por exemplo, que eram quase medievais na década de 1940 mas se modernizaram rapidamente (SÁ JÚNIOR, 2017).

Ligado ao trabalhismo de Vargas, ao desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek e posicionado em defesa do governo de João Goulart (WAINER, 2005), o *UH* era uma opção mais à esquerda e causava estranheza ser apreciado por parte da conservadora sociedade paranaense, conduzida desde a década de 1930 pelas elites católicas da região. A edição local do *UH*, entre 1962 e 1963, chegou a uma tiragem média de 30 mil exemplares, maior que a soma de todos os outros jornais do Paraná (PEREIRA, 2016).

Depoimentos indicam que a qualidade da cobertura esportiva, social e policial conquistava a concessão dos leitores frente a rejeição que sentiam frente o noticiário político, que andava na contramão do establishment local. O jornal permanece na dianteira até o momento em que a fúria popular encerra a experiência, sepultando o veículo de imprensa mais liberal a circular na capital paranaense.

Pelo *UH* local passou uma geração de jornalistas paranaenses de alta voltagem intelectual, como Walmor Marcelino, Celina Luz, o hoje cineasta Sylvio Back, Milton Heller, Luiz Geraldo Mazza e Adherbal Fortes de Sá. Uma vez dispersos, esses profissionais de imprensa ficaram divididos entre o exílio e as poucas possibilidades de trabalho na capital, por ironia, num semanário ligado à Cúria Metropolitana, o jornal *A voz do Paraná*, e a poderosa Grafipar Edições, que produzia até 65 títulos diferentes de revistas eróticas, muitas delas trazendo, à paisana, conteúdos libertários.

O presente artigo dialoga com autores do calibre de Roger Chartier (2007), Robert Darnton (2016), Alberto Manguel (2017), Pierre Bourdieu (1996), Michèle Petit (2013) e Fernando Báez (2006) – entre outros – para elucidar as relações antagônicas entre leitores – os que leem e os que apedrejam. Paralelo, com base na história oral, traz a voz de leitores do passado em busca de capturar suas impressões sobre um fato histórico. Some-se ao conjunto uma série de entrevistas com jornalistas que atuaram no periódico ou que o pesquisam – Adherbal Sá Fortes, Luiz Geraldo Mazza e Walter Schmidt. As relações entre imprensa e ditadura militar no Paraná foram abordadas em dois livros do jornalista Milton Ivan Heller (1988 e 2000).

A respeito das entrevistas, cabe destacar que cada uma dos profissionais entrevistados apontou aspectos relevantes sobre o jornal *Última Hora*, bem como sua sucursal em Curitiba. Walter Schmidt destacou o caráter revolucionário que o periódico apresentava para a época em que circulava. Dentre os aspectos mencionados, destacam-se o respeito pelo profissional jornalista, a modernidade gráfica – observada na produção das capas e na diagramação das páginas –, ouvir a população e a valorização da cobertura política, policial e esportiva.

O Samuel Wagner deu espaço pros subúrbios cariocas da Inace, a coluna Luzes da Cidade. Foge do padrão do jornal só falar com a elite e tal. Então foi um jornal popular, um jornal que valorizou a cobertura política, um jornal que valorizou a cobertura dos militares. [...] Tinha uma diagramação arrojada, porque até então basicamente os jornais – principalmente os matutinos – tinham o noticiário internacional nas primeiras páginas, nada local nem nacional. E a *Última Hora* quebra isso, começa a valorizar exatamente o local nacional, escandaliza alguns assuntos para vender jornal. Ela também faz uma coisa muito interessante: começa a publicar reportagem em série, o que motiva a leitura diária, quer dizer, cada dia como fosse um capítulo, uma grande reportagem ou um grande tema que era desenvolvido ao longo da semana e três, quatro ou cinco capítulos digamos assim (SCHMIDT, 2023).

Adherbal Fortes de Sá Júnior (2022) vai de encontro com o que Schmidt declarou ao ressaltar a força que a editoria de esportes e as matérias policiais tinha para o *Última Hora*. Além disso, Sá Junior afirma que o jornal apresentava um formato industrial que não queria depender de publicidade, somente da arrecadação vindas das bancas. Apesar disso, o periódico investia muito em seus jornalistas em um mercado no qual o salário não acompanhava o trabalho desempenhado pelos profissionais.

Luiz Geraldo Mazza (2023), por sua vez, destaca que o *Última Hora* era um jornal popular mas que, ao mesmo tempo, simbolizava o *voyeurismo* da burguesia por meio da sua cobertura policial.

Após a entrevista de Walter Schmidt iniciou-se uma nova fase da pesquisa, agora voltada para a produção jornalística do *Última Hora* na capital paranaense, entre os anos de 1959 e 1964. As edições foram acessadas e analisadas a partir do acervo da Biblioteca Pública Nacional, na qual os lançamentos do jornal em Curitiba se encontram digitalizados.

As leituras confirmaram pontos encontrados nas entrevistas, como as inovações gráficas e editoriais para o período, a grande quantidade de colunas, sejam elas nacionais ou locais, a cobertura esportiva e social, além do destaque para questões trabalhistas, algo que poucos veículos de informação se aventuravam no início dos anos 60. As colunas locais, inclusive, apresentam um grande papel no jornal, por adentrarem nas camadas da sociedade ainda não exploradas pela mídia até então, aproximando a sociedade das edições do *Última Hora*, assim como apontou Schmidt.

Por isso ela entrou em várias, várias áreas onde os jornais locais não penetravam em forma de noticiário de atividades sindicais, clubes suburbanos, reclamações dos e dos leitores. [...] Ela se esmerou na cobertura policial, que a concorrente era a *Tribuna do Paraná*, na época. Na cobertura esportiva, ela também trouxe inovação e tinha uma cobertura esportiva nacional muito importante, coisa que os jornais locais não conseguiam fazer. Enfim, ela marcou época (SCHMIDT, 2023).

À época do golpe de 1964, Heller tinha mais de 30 anos, filho de um mítico comunista forçado à clandestinidade – Jorge Heller – e sem educação formal: tornou-se jornalista na leitura da literatura comunista, nos bastidores do “Partidão” e nas andanças com o pai. Destoava, portanto, dos jovens que apinhavam as redações, o que lhe deu um ponto de vista privilegiado dos acontecimentos. Suas obras deixam transparecer um olhar menos romantizado sobre o momento. São um exercício de memorialística e, sobretudo, de análise política. O senão é que patinam em certos episódios que se consolidaram sobre o imaginário daqueles dias (ALMEIDA JÚNIOR, 2017).

Dentre os cinco depoimentos sobre a pilhagem da sucursal do jornal *Última Hora*, em maio de 1964 (FERNANDES, 2014) Heller é o único a recusar o que reportagens de outros jornais da época afirmam ter ocorrido. Outras relações também

escapam a sua régua, a exemplo dos espaços possíveis para os jornalistas de esquerda durante a ditadura – o jornalismo esportivo, por exemplo, no qual ele mesmo transitou, porque ali “contratar comunistas” não representava um perigo para o empregador. Some-se aos espaços vazios da obra de Heller o impacto da presença das mulheres nas redações. Desse modo, seus livros são um ponto de partida para a pesquisa, para a preparação das entrevistas, mas pedem complementos e costuras no preenchimento dos espaços vazios que deixam.

De acordo com os depoimentos colhidos até o momento, a sucursal paranaense funcionava em uma redação pequena, comparada a uma sala de estar. Com uma equipe de aproximadamente 30 jornalistas, o periódico apresentava um caráter revolucionário, seja pela forma como apresentava a informação ou pela autonomia para não depender de fontes publicitárias.

Ao analisar o material disponível no site da Biblioteca Nacional, percebe-se que o veículo visava abranger diferentes camadas da população por meio do seu conteúdo. A coluna “Fala o Povo”, por exemplo, apresentava questões cotidianas e populares em uma linguagem coloquial. Temáticas envolvendo questões de política nacional e internacional também se destacavam.

O presente trabalho está integrado a um projeto de pesquisa desenvolvido desde 2012 no Departamento de Comunicação, da Universidade Federal do Paraná, sobre as resistências de jornalistas paranaenses durante a ditadura civil-militar instalada no Brasil em 1964. Neste tempo, o projeto formou um acervo de mais de 40 depoimentos em profundidade com profissionais de imprensa paranaenses. O artigo se baseia em história oral – a partir de entrevistas em profundidade com remanescentes do *UH* na capital –; análise de conteúdo – fase “leitura flutuante” – de pequena parcela das aproximadas 1,8 mil edições locais do jornal, depositadas em acervo digital da Biblioteca Nacional; pesquisa bibliográfica sobre o periódico, a exemplo da autobiografia *Minha razão de viver* (2005), de Samuel Wainer, e a biografia *Samuel Wainer: o homem que estava lá* (2020), de Karla Monteiro (2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre a breve circulação do jornal *Última Hora*, em Curitiba (1959-1964), é um trabalho em progresso. Ainda que esteja integrado a um projeto de

pesquisa maior - “Jornalismo e ditadura militar no Paraná”, desenvolvido no Departamento de Comunicação e PPGCom da UFPR, tendo daí tirado parte de seu embasamento teórico-crítico - a proposta tem no horizonte, ainda, a possibilidade de recolher mais depoimentos de jornalistas que trabalharam no periódico, à época; depoimentos de personalidades que tenham assistido à derrocada do *UH*; e, sobretudo, propõe-se à análise das páginas do *UH* da sucursal de Curitiba.

Paralelo a essa faina própria da pesquisa, quer-se entender qual era a relação do *UH* com seus leitores, numa cidade de público, então, conservador, de modo a levantar hipóteses satisfatórias sobre o episódio do apedrejamento, em abril de 1964. O episódio é nebuloso, contraditório, mas ainda que soe demodê pensar no retrovisor da História, o dia em que 300 secundaristas praticamente fecharam um jornal visto como à esquerda diz muito sobre o tempo presente. Tão difícil tanto é responder o que ficou da experiência revolucionária do *UH* no jornalismo paranaense. E listar essas revoluções gráficas e de linguagem para, ainda que num desejo primário, lamentar o fim melancólico desse capítulo da imprensa local.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de (org.). **Imprensa em transição**: o jornalismo brasileiro nos anos 50. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- ALMEIDA JÚNIOR, José. **Última Hora**. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros**: das tábuas sumérias à Guerra do Iraque. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**: história da imprensa brasileira Volume 1. 5.^a edição. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- BARBOSA, Marialva. **História cultura da imprensa – Brasil – 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. Lisboa: Presença, 1996.
- CAMPOS, Anderson. **A última hora de Samuel**: nos tempos de Wainer. Rio de Janeiro: ABI/Copim, 1993.
- CASTRO, Ruy. **O Anjo Pornográfico**: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar**: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII). São Paulo: Ed. Unesp, 2007.

DARNTON, Robert. **Censores em ação**: como os estados influenciaram a literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FERNANDES, José Carlos. Pedras no *Última Hora*, que pecado. **Gazeta do Povo**. Curitiba 24 abr. 2014. Opinião, p. 3.

GABEIRA, Fernando. **O que é isso, companheiro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

GUIMARÃES, Maikio. **Caso Última Hora**: a crise que mudou o curso da história. 2.^a ed. Porto Alegre: BesouroBox, 2012.

HELLER, Milton Ivan. **Memórias de 1964 no Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2000).

HELLER, Milton Ivan. **Resistência democrática** – a repressão no Paraná. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra; Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1988.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de guarda**: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo: Boitempo, 2012.

MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora**: o viajante, a torre e a traça. São Paulo: Edições Sesc, 2017.

MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tânia Regina de (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAZZA, Luiz Geraldo. **Entrevista ao grupo de IC jornal Última Hora**, Curitiba, 2023.

MEDEIROS, Benício. **A rotativa parou!** Os últimos dias da Última Hora de Samuel Wainer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MONTEIRO, Karla. **Samuel Wainer**: o homem que estava lá. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

O DIA QUE DUROU 21 ANOS. Direção: Camilo Tavares. Produção: Pequi Filmes, 2012. 1 DVD (77 min.).

PEREIRA, Fernando Marcelino. **O Jornal Última Hora em Curitiba (1959 e 1964)**. Revista NEP-Núcleo de Estudos Paranaenses da UFPR, v. 2, n. 5, p. 180-185, 2016.

PEROSA, Lilian M.F. de Lima. **Última Hora**: uma revolução na imprensa brasileira. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2003. (Cadernos da Comunicação, Série Memória, v. 7).

PETIT, Michèle. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Ed. 34, 2013.

PINHEIRO JÚNIOR. **A Última Hora (como ela era):** história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter de Samuel Wainer. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

RODRIGUES, Nelson. **A vida como ela é...** Rio de Janeiro: Agir, 2006.

SÁ JÚNIOR, Adherbal Fortes de. **Curitiba no Tempo do Jazz Band.** 1 ed. Curitiba: Artes & Textos, 2017.

SÁ JÚNIOR, Adherbal Fortes de Sá. **Entrevista ao grupo de IC jornal Última Hora,** Curitiba, 2022.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Um homem chamado Maria.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

SIRKIS, Alfredo. **Os carbonários.** Rio de Janeiro: Best-seller, 2008.

SCHMIDT, Walter. **Entrevista ao grupo de IC jornal Última Hora,** Curitiba, 2023.

TAVARES, Camilo. **O dia que durou 21 anos.** Documentário, Pequi filmes, 2012.

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver:** memórias de um repórter. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.